

# Políticas para uma pedagogia descolonial: linguagens e práticas educacionais na América Latina contemporânea

Politics for a decolonial pedagogy: languages and educational  
practices in contemporary Latin America

Fábio do Vale

*Faculdade Insted, Brasil*

<https://orcid.org/0000-0001-8713-309X>

e-mail: [professorfabioletras@gmail.com](mailto:professorfabioletras@gmail.com)

Edgar César Nolasco

*Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil*

<https://orcid.org/0000-0002-8180-585X>

e-mail: [ecnolasco@uol.com.br](mailto:ecnolasco@uol.com.br)

Recibido: 25/09/2021

Aprobado: 17/11/2021

## RESUMO

O presente artigo busca sequenciar as práticas discernidas no período de doutoramento focalizando o vislumbre para (des)britanizarmos, ou seja, promovermos práticas acadêmico-educacionais (des)teorizando teorias para re-teorizar as ações de grande parte dos professores latino-americanos. A proposta deste projeto, portanto se ancora e abaliza na intencional ação de angariar respostas para a docência (i)voluntária de muitos professores latino-americanos que não tematizam a partir das necessidades brasileiras e outras latinidades, mas sobretudo, do replicar educacional hegemônico que (re)tarda a forma-maneira pedagógica do professor na América Latina para desenvolver ações que deem conta do alunado contemporâneo latino-americano. Propomos nesta esteira em diálogo profícuo com os autores Enrique Dussel, Edgar César Nolasco, Paulo Freire, Marcos Antônio Bessa-Oliveira, Walter Mignolo, Aníbal Quijano, Zulma Palermo, Glória Anzaldúa e outros confluentes autores como Gabriel García Márquez que não apenas falaram – falam – sobre as nossas culturas latino-americanas, mas, sobretudo, enunciam a partir e com as nossas criticidades, logo, as diversas latinidades que nos circundam. Para tanto é condição sine que non neste trabalho que a proposta final é de publicar e propagar à sociedade latino-americana, que o professor latino-americano utilize práticas amodernas, assim e por isso mesmo, ações pedagógicas que não eternize pedagogias que não dão conta das demandas do alunado latino-americano, mas versando – assiduamente – por criticidades descoloniais políticas erigidas neste artigo que trabalharão as experiências dos professores contemporâneos, aprimorando um olhar desviante para um diálogo crítico biográfico fronteiriço com o fito de sugerir olhares outros, modus operandi outros, logo, descoloniais, para o exercício da docência na contemporaneidade latino-americana tendo como ferramentas linguagens não dependentistas.

*Palavras-chave:* Pedagogia descolonial; educação latino-americana; (Des)britanizar.

**ABSTRACT**

The present article seeks to sequence the practices discerned during the doctoral period focusing on the glimpse to (de)britanize, that is, to promote academic-educational practices (de)theorizing theories to re-theorize the actions of many Latin American teachers. The proposal of this project, therefore, is anchored in the intentional action of gathering answers to the (i)voluntary teaching of many Latin American teachers who do not theme from the Brazilian needs and other latinities, but, above all, from the hegemonic educational replication that (re)delays the pedagogical way of teaching in Latin America to develop actions that take into account the contemporary Latin American students. We propose a fruitful dialogue with the authors Enrique Dussel, Edgar C zar Nolasco, Paulo Freire, Marcos Ant nio Bessa-Oliveira, Walter Mignolo, An bal Quijano, Zulma Palermo, Glória Anzaldúa, and other confluent authors such as Gabriel García Márquez, who not only talked - talk - about our Latin American cultures, but, above all, enunciate from and with our criticalities, therefore, the diverse latinities that surround us. Therefore, it is a sine qua non condition in this work that the final proposal is to publicare et propagare to the Latin American society, that the Latin American teacher uses amodern practices, thus and for this very reason, pedagogical actions that do not eternalize pedagogies that do not account for the demands of the Latin American student body, This article will work on the experiences of contemporary teachers, enhancing a deviant look for a critical biographical border dialogue in order to suggest other looks, other modus operandi, therefore, decolonial, for the exercise of teaching in Latin American contemporaneity, using non-dependent languages as tools.

*Keywords:* Decolonial pedagogy; Latin American education; (De)britanizing.

**INTRODU O**

Somente um olhar de pesquisador lançado a partir desse lócus pode mirar para além das disciplinas e da geopolítica do conhecimento, ambas embutidas nos estudos de área, como observa Mignolo.   por isso que, qualquer pesquisa de base subalterna, periférica ou fronteira, como as que coerentemente não são articuladas dos grandes centros ou eixos, mas, sim, das bordas nas quais se encontram os sujeitos subalternos e suas respectivas produ es periféricas, pode e deve ser entendida pelo pesquisador, sobretudo, como uma forma subalterna de pensar outra, e não como apenas mais uma forma de pensar como tão comumente se faz dentro da academia. Nesse sentido, não basta empregar conceitos advindos de teoriza o fronteira, ou mesmo nomes e sobrenomes de pensadores desse pensamento, entendendo que, agindo assim, estaria pensando descolonialmente (Nolasco. 2018, p. 12).

A liberta o, por isto,   um parto. E um parto doloroso. O homem que nasce deste parto   um homem novo que são   viável na e pela supera o da contradi o opressores oprimidos, que   a liberta o de todos. A supera o da contradi o   o parto que traz ao mundo este homem novo não mais opressor; não mais oprimido, mas homem libertando-se (Freire, 1987, p. 19).

*“Se   um professor de Universidade, ao declinar-se a sua condi o de professor universitário, já se poderia discutir com o povo o que lhe pareceram as universidades de seu país.”* (Freire, 1987, p. 67).

Como proposta para este diálogo fruto da discussão no II Congresso Paraguaio de Linguística Aplicada sediado remotamente em Assun o Paraguai – ancorado em premissas não dependentista – vislumbramos a tematiza o de se buscar para encontrar saídas para que não se replique propostas pedagógicas no ensino latino-americano cuja veste contemporânea, majoritariamente, transita entre a classe promovendo tematiza es e culturas que não valoram as nossas questões curriculares e, sobremaneira, formativas. Nesse ínterim elucidamos que o professor latino-americano ao não se atentar para a dinamiza o pedagógica (in)corre no equívoco de desdobrar-se como formador de propostas que valoraram ideias centristas, sobretudo, eurocêntrico e estadunidense, cotejando a incentivo da expansão do compromisso acad mico externo quando o interno ainda lamuria as feridas coloniais que não foram totalmente cicatrizadas.

Defendemos neste diálogo cultural e epistemológico que ao se promover teorizações que suportem grande parte das demandas contemporânea do Brasil e demais países da América Latina (Mignolo, 2008) estamos (des)teorizando ações pedagógicas isolacionistas e departamentais que não permitem ao educando – por frívola prática docente dos seus professores, chegarem a pontos ainda não atingidos por serem instruídos a ver o mundo com receitas não arqueáveis. Nesse prisma o presente trabalho valora que na docência latino-americana, muito mais que um responsivo detrimento de teorizações se conceba que ao (des)ver o mundo, sobretudo práticas culturais, essas que ainda não formatadas pelas mãos de muitos docentes contemporâneos deva emergencialmente acontecer.

Discernimos também que os professores latino-americanos em suma maioria acaba sendo impelido em se preocupar com o cumprimento curricular tendo que se dedicar com a particularidade das instituições em que leciona onde os valores institucionais e, sobretudo, lemas, engessam práticas que são absurdamente reforçadas nas assíduas reuniões pedagógicas com o corpo docente, coordenativo e diretivo. Pensar políticas para uma prática pedagógica descolonial requer – antevendo a qualquer decisão – a ancoragem libertadora do professor-docente. Vemos que na América Latina, sobretudo no Brasil, há falta de expertise e qualificação em muitos dos casos. Existem também universidades especificamente em nossa América Latina (Dabashi, 2018) em que grande parte dos docentes, por exemplo, não são especialistas, minorando com intensidade as chances de o professor aprofundar as práticas pedagógicas que devem ser aplicadas.

Para isso discerniremos as diferenças em teorias e teorizações o que impacta assertivamente nesse plano pedagógico contemporâneo que estamos – através deste diálogo de libertação – sequenciar e assim *publicare et propagare* com o fito de trazer contribuição cultural e epistemológica à comunidade educacional da nossa América Latina.

Decidimos também a partir deste artigo, trazer esclarecimentos para professores e, sobretudo, aqueles que almejam a docência percepções e práticas pedagógicas na e da contemporaneidade. Muito se aplica o arcabouço de teorias não apenas na dinâmica das aulas, mas também na condução do processo de ensino-aprendizagem. O professor latino-americano não pode (in)correr de práticas que replicam saberes, pois, esses ditos saberes foram pensados, experimentados, grande parte das vezes em contextos não latino-americanos, prefigurando assim receitas que não dão conta de suprir a necessidade do cenário educacional latino-americano.

## APRECIACÃO HISTÓRICO-CULTURAL

Quando o docente utiliza em sua prática a aplicabilidade de teorias como único endosso informativo ele recorre – mesmo que não perceba – a uma prática tradicional de ideias e ações pensadas em momentos que podem não representar o contexto ao qual estamos como transeuntes. Dessa feita os revérberos desse ensino não apenas prejudicam, mas causam interrupção na evolução das artes e condições evolutivas necessárias para o desenvolvimento cultural e intelectual dos alunos no contexto de sala de aula que perpassa por todos os segmentos.

Trazer essa discussão como preocupação na academia incita – principalmente – que o professor abarque para dentro das suas práticas pedagógicas não apenas teorias, prontas, estipuladas, determinadas por experimentos e concepções daquele momento, mas que esse docente também esteja consciente das práticas pedagógicas que unificam o Brasil pelo mesmo objetivo: a libertação do indivíduo através da cultura, portanto, através da educação.

De acordo com Mignolo (2008), o conhecimento imperial ocidental foi moldado em línguas imperiais e fundamentado teopolítica e egopoliticamente. Tais fundamentos legitimam

os pressupostos e afirmações de que o conhecimento está além dos corpos e lugares, e que a teologia cristã e a filosofia e ciência seculares são os limites transcendentais e espaciais da criação de conhecimento, limites que faltava em todo o conhecimento anterior: Os conceitos de folclore, mito, conhecimento tradicional, foram inventados para legitimar a epistemologia imperial.

Essas condicionalidades dar-se-ão com a aliança entre teorias, mas neste caso – de forma enaltecida – a prática de teorizações, ou seja, que as graduações permitam e possibilitem que seus alunos compreendam que é possível pensar fora do estipulado, fora das teorias prontas e determinadas, assim esse indivíduo passa a gozar e se ancorar em metodologias ativas em que o estudante não é meramente parte do processo, mas genuinamente partícipe de todo o processo educacional.

Isso só se dá através de teorizações, ou seja, práticas sugestivas a partir, sobretudo do seu *biolocus*, ou seja, seu local de enunciação que considera suas questões de vida e o que isso representa para ele e para a sociedade. O professor latino-americano precisa (re)conhecer o contexto das feridas para que os referenciais sejam coesos.

Conforme Anzaldúa (2007), a fronteira entre os Estados Unidos e o México é uma ferida aberta onde o Terceiro Mundo roça contra o primeiro e sangra. E antes que se forme uma crosta, volta à hemorragia, a seiva vital de dois mundos que se funde para formar um terceiro país, uma cultura de fronteira. As fronteiras estão desenhadas para definir os lugares que são seguros e aqueles que não são, para distingui-los. Uma fronteira é uma linha divisória, uma fina linha ao longo de uma fronteira erguida. Um território fronteiriço é um lugar vago e indefinido criado pelo resíduo emocional de uma fronteira como a natureza.

Quando apresentamos neste projeto a ideia de compreendermos individualmente a distinção entre teoria e teorização passamos a esclarecer as práticas pedagógicas de muitos professores. É, portanto a partir dessa leitura que a libertação teórico-pedagógica começa a ser nutrida prefigurando amparo e sustentação às demandas educacionais da contemporaneidade latino-americana com enfoque no Brasil (Márquez, 2011) ainda que reconheçamos os conflitos das latinidades *outras*, como o triste entrecho compartilhado entre Estados Unidos e México. Dessa forma destacamos que o professor contemporâneo precisa – sensivelmente – buscar pedagogias descoloniais para que o cenário fronteiriço seja por ele compreendido para sanar as demais as quais estamos inseridos curando feridas coloniais como endossa Anzaldúa (2007).

Nesse liame de discussão acadêmica ressaltamos que o ensino superior brasileiro passa a ser – nesse processo – o maior responsável por essa transição consciente e necessária. Propomos discutir também que a formação de professores no Brasil – principalmente nos basilares da graduação – refletirão claramente nos passos subsequentes da pós-graduação nos níveis existentes: especialização, mestrado, doutorado e pós-doutorado, o que nos faz refletir e buscar saídas para que as práticas sejam confluentes com a mescla de teorias e teorizações.

Trazer esta proposta através do evento internacional de Assunção no Paraguai é – responsiva(mente) – ofertar sugestões para que as práticas tradicionais sejam (re)pensadas não mais como única-fonte balizadora, mas como uma das fontes consultivas. Frisamos que a unidade de trabalho entre países latinos busca propor à academia que os docentes apliquem um olhar desviante ao dependentismo que fomenta departamentizar os saberes. Caso frequente no *modus operandi* de muitos docentes latino-americanos, pois, naquele meio seu discurso é acessível porque é autorizado, naquele meio, portanto, ele consegue angariar credibilidade discursiva por produzir sempre um discurso polido àquele contexto. Por isso discerniremos neste artigo que o professor – responsável por direcionar a libertação teórica – esteja munido de ideias que não se pode produzir um discurso que será sempre autorizado, por isso a necessidade da desobediência epistêmica tão bem lapidada pelo escritor argentino Walter Mignolo.

Nessa linha de discussão sobre cultura educacional, portando vislumbrando ofertar a discussão de que não se conceba mais a construção do discurso pronto e estabelecido, mas dos discursos que atravessem as nossas brasilidades, as nossas latinidades mediante às demandas requerentes chegamos até aqui para convalidar a nossa proposta que demais pesquisadores que estão – por necessidade – buscando respostas para suas fendas pessoais e impessoais no cenário acadêmico-cultura através das escolas latino-americanas.

As práticas pedagógicas dos docentes precisam de esclarecimento. Vejam que hoje nas diversas formações pedagógicas existentes e aplicadas na América Latina (Quijano, 2005), fala-se em práticas atemporais e propostas atemporais. Discernimos que a leviana aposta desconecta a verdade da hipotética vontade do discurso impraticável. Buscar políticas para uma pedagogia descolonial, é reconhecer principalmente a ideia do falar sobre para o enunciar com e a partir do seu local de fala com o fito de buscar referenciais coerentes para se perceber as práticas frívolas que transitam nos corredores da academia na docência do ensino superior latino-americano, sobretudo, no ensino brasileiro. A visada deste artigo ancora-se, portanto na crítica biográfica fronteiriça:

*A visada teórica defendida pela crítica biográfica fronteiriça se, por um lado, não ignora as demais abordagens teórico-críticas, como a moderna e ocidental, por outro lado, entende que é por meio da articulação de uma epistemologia fronteiriça que se pode compreender e abarcar melhor as histórias locais desses loci epistemológicos e suas produções que continuam não encampados pelas críticas modernas geralmente pensadas dos grandes centros do país e do mundo moderno. O intelectual crítico fronteiriço aprendeu que somente uma crítica desse lócus pode considerar em suas discussões as sensibilidades biográficas e locais dos sujeitos e das produções envolvidas, inclusive do próprio intelectual que optou por aprender a desaprender as lições canonizadas e cristalizadas nas bordas dos pensamentos fronteiriços. Esse crítico sabe da importância de sua inscrição na discussão prática teórica defendida por ele, sabe que, ao agir assim, não cai na velha prática herdada pelas bordas do grande centro moderno de repetir à exaustão uma lição teórica falida e põe em execução uma teorização pós-colonial (Mignolo) que se articula por fora das demais teorias aquilatadas dentro do grande sistema moderno que ensombrou o mundo até o final do século 20 (Nolasco, 2015, p. 60).*

Não podemos deixar de destacar que por se tratar de um projeto de libertação crítico-acadêmica que as práticas acionadas sugestivamente neste trabalho devam chegar como proposta pedagógico-acadêmica para as graduações do Brasil e demais países da América Latina. Como professores no ensino superior tematizamos essa discussão através das nossas *experivivências*, ou seja, propomos um olhar que circunscreve aquilo que nos atravessa cultural e epistemologicamente. O contexto do professor latino-americano transviou-se para perspectivas de reconhecimento na posteridade de ação por isso é mister que discutamos os próximos passos:

Nesse novo contexto, estão hoje ativos outros componentes do debate latino-americano que apontam para uma nova ideia da totalidade histórico social, núcleo de uma racionalidade não eurocêntrica. Principalmente, as propostas sobre a colonialidade do poder e sobre a heterogeneidade histórico-estrutural de todos os mundos de existência sócia (Quijano, 2005, p. 76).

O compromisso dorsal deste artigo circunda a premissa que visa esclarecer e proporcionar aos docentes das nossas latinidades diversos caminhos para que o estudante que está se graduando no cerne contemporâneo tenha condições de aplicar práticas além do mero-estágio ordinário, partindo para ações extraordinárias promovendo esse indivíduo – seus

futuros alunos – com faces intelectuais que versem as condicionalidades de um bom profissional contemporâneo abdicando-se do rito moderno (Palermo, 2010).

Assim e por isso mesmo passa a ser condição *sine que non* para as instituições de ensino superior que as formações no ensino universitário sejam regidas por pedagogias sugestivas, intuitivas, para que o acadêmico recém-formado não chegue ao mercado de trabalho estagnado com uma forma performaticamente singular. Por isso vislumbramos a ideia de aprender a desaprender para reaprender:

*Dando um salto na discussão que proponho, lembro apenas que o primeiro passo dado em direção a uma gramática da fronteira — descolonialidad para Mignolo seria — aprender a desaprender, para poder así re-aprender. Nessa direção, pensar numa gramática expositiva do ensino descolonial faz todo sentido. Mas depois volto a isso (Nolasco, 2010, p. 11).*

O ensino descolonial sugerido no recorte anterior proporcionará, através de eventos multidisciplinares que visem o compartilhamento de teorizações assim como práticas interdisciplinares correspondem às demandas da contemporaneidade, mas não pode ser considerado e esclareceremos isso neste trabalho, sendo o único ponto de partida. Apresentar ao professor latino-americano que as teorias trazidas para a nossa Pátria Grande são fontes-únicas de práticas culturais é trabalhar um declínio sem fim.

As pedagogias descoloniais não visam e nunca visaram exclusão, portanto é preciso que se aplique teorizações que estejam inerentes ao reconhecimento de que nem tudo que parte dos grandes centros mundiais dão conta daquilo que emerge das periferias. Destacaremos que agora não se trata mais em apenas teorizar, mas principalmente, promover as criticidades necessárias na docência latino-americana:

*Agora não se tratava mais de uma questão de —situar a América Latina. Tratava-se de situar todas as culturas que inevitavelmente se enfrentam em todos os níveis da vida cotidiana: a comunicação, a educação, a pesquisa, a política de expansão ou de resistência cultural ou mesmo militar (Dussel, 2016, p. 57).*

Nesse preciso sentido este diálogo suscitado a partir do II Congresso Paraguaio de Linguística Aplicada sediado remotamente em Assunção Paraguai estará abalizado assertivamente na proposta da crítica biográfica fronteiriça que não emerge da descolonização para ensinar como fazer a partir das margens, mas sugerir que se pense para e com a margem contribuindo beneficentemente da proposta para as políticas para uma pedagogia descolonial na América Latina contemporânea, ora de resistência, ora de reflexão, ora de prática pedagógicas descoloniais para assim (des)britanizar saberes.

Com o presente artigo se espera destacar as formas como se tem lecionado na academia com a utilização de modelos não latinos prefigurando uma prática que não atinge nem atingirá as necessidades locais caso essa forma pedagógica seja (des)pensada. Ainda em prelo contributivo, buscamos demonstrar como se pode pensar as medidas acadêmicas com atividades pedagógico-contemporâneas apresentando como os professores agentes para disseminação do saber podem – juntos com seus partícipes alunos – promoverem propostas e ações objetivas dos caminhos que a academia pouco tem discernido e aplicado na América Latina. Publicando esta pesquisa acadêmica como contribuição cultural, pedagógica e acadêmica demonstrando devemos pensar a partir do nosso local de fala – lócus de enunciação – para que tenhamos correspondência das fendas que ainda não foram sanadas no ensino das práticas e teorizações no Brasil e restante da América Latina.

---

**REFERÊNCIAS**

- Anzaldúa, G. (2007). *Borderlands/la frontera: the new mestiza*. São Francisco: Aunt Lute Books.
- Bessa-Oliveira, M. A. (2018). Poéticas de Processos Artísticos Biogeográficos: modos outros de cartografar bio-sujeitos, geo-espacos, grafianarrativas. *Cadernos de estudos culturais*, Campo Grande, 1, 59-84, recuperado de <https://periodicos.ufms.br/index.php/cadec/article/view/7729>
- Dabashi, H. (2018). ¿Pueden pensar los no-europeos?. Em: H. Dabashi, *¿Podemos pensar los no-europeos?: ética decolonial y geopolíticas del conocer* (75-130). Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Ediciones del Signo.
- Dussel, E. (2016). Transmodernidade e interculturalidade: uma interpretação sob a perspectiva da Filosofia da Libertação. *Transmodernidade: Revista de Produção Cultural Periférica do Mundo Luso-Hispânico*, 1(3), 68.
- Freire, P. (1987). *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Márquez, G.G. (2011). *Eu não vim fazer um discurso*. Rio de Janeiro: Editora Record.
- Mignolo, W. D. (2008). Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. *Cadernos de Letras da UFF*, 34, 287-324.
- Mignolo, W. D. (2008). A opção de-colonial: desprendimento e abertura. Um manifesto e um caso. *Tabula Rasa*, 8, 243-282.
- Nolasco, E.C. (2015). Crítica biográfica fronteiriça (Brasil\Paraguai\Bolívia). *Cadernos de estudos culturais*, Campo Grande, 7, 54-76, recuperado de <https://periodicos.ufms.br/index.php/cadec/article/view/3351>
- \_\_\_\_\_. (2018). Descolonizando a pesquisa acadêmica: uma teorização sem disciplinas. *Cadernos de estudos culturais*, Campo Grande, 1, 9-21, recuperado de <https://periodicos.ufms.br/index.php/cadec/article/view/7725>
- \_\_\_\_\_. (2019). Por uma gramática pedagógica da fronteira-sul. *Cadernos de estudos culturais*, Campo Grande, 1, 9-29, recuperado de <https://intermeio.ufms.br/index.php/cadec/article/view/9688>
- Palermo, Z. (2010). Una violencia invisible: la colonialidad del saber. *Cuadernos de la Facultad de Humanidades y Ciencias Sociales*, Jujuy, 38, p. 79-88.
- Quijano, A. (2005). Colonialidade do Poder, Eurocentrismo e América. Em: E. Lander, (Org.), *Colonialidade do Saber: eurocentrismo e ciências sociais* (107-126). Perspectivas latinoamericanas. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales.
-